

JULIO DANTAS

A SEVÉRA



LISBOA

MANUEL GOMES, EDITOR

Livreiro de Suas Magestades e Altezas

61 — RUA GARRETT (CHIADO) — 61

M DCCCC I

1-25-65
18898

JULIO DANTAS

A SEVÉRA



LISBOA

MANUEL GOMES, EDITOR

Livrêiro de Suas Magestades e Altezas

61 — RUA GARRETT (CHIADO) — 61

M DCCCCL

A SEVÉRA

*Peça em 4 actos, representada pela primeira vez,
em janeiro de 1901, no Theatro D. Amelia*

FIGURAS

D. JOÃO, conde de MARIALVA.....	<i>Augusto Rosa</i>
D. JOSÉ.....	<i>Henrique Alves</i>
O CUSTODIA.....	<i>João Rosa</i>
ROMÃO, alquilador.....	<i>João Gil</i>
TIMPANAS, bolheiro.....	<i>Setta da Silva</i>
DIOGO.....	<i>Antonio Pinheiro</i>
ROQUE.....	<i>Lagoa</i>
O MANGERONA.....	<i>Silva</i>
O FALUA, moço de estribeira.....	<i>Quaresma</i>
O MULATO, idem.....	<i>Massas</i>
SEVÊRA.....	<i>Angela Pinto</i>
A MARQUEZA.....	<i>Maria Pia</i>
CHICA.....	<i>Maria Falcão</i>
MARIA DA LUZ.....	<i>Elvira Santos</i>

A acção passa-se nos meados do século XIX, em Lisboa.

PRIMEIRO ACTO

Um café de lèpis, na Mouraria, á entrada da rua do Capellão, coito de alquiladores, bolieiros, marafonas e marchantes alemtejanos. Á E. alta, uma escadinha, dando para a sobre-loja onde o conde de Marialva tem um quarto alugado. Balcão á D. Porta ao F., com tres degraus¹ de pedra, deitando para a viella. Sobre uma das mesas, uma guitarra.



PRIMEIRO ACTO

O Romão alquilador, typo de alemtejano, jaleca de astrakan, calça de belbutina e cadeia d'oiro pesadona, conversa com Diogo, n'uma das mesas da D. baixa. O Mangerona, moço do café, cara alvar, segue do balcão a conversa dos dois. O Custodia, pobre diabo epileptico, com o ar unctioso das sacristias, aleijado d'um pé, cara arrepanhada pela cicatriz d'uma queimadura, ri sósinho, assentado n'um banco da E. baixa, contando e recontando varias moedas de prata que vae descosendo do forro da véstia.

ROMÃO

Eu cá, não é por me gabar, mas inda ha de vir o mais pintado que me intruje em alborque de cavalgadura! Nem cigano!

MANGERONA, movendo-se ao balcão

Basofia!

DIOGO

E que tal de negocio?

ROMÃO

Vae n'um sino!

DIOGO

Boas vendas?

ROMÃO

Das melhores! (*n'um risinho victorioso*) Inda não ha muito tempo...! Tinha para ahi um baio rodado, vélho que podia ser meu avô e com verdugos procedidos de aguaduras, que era uma bôa besta p'rô esfôla! Vae, que lhe fiz eu...?

DIOGO

Você...? Deu-lhe um tiro, bem de vêr!

ROMÃO, apertando a barriga, n'uma risada

Vendi-o!

MANGERONA, com o mesmo risinho alvar

A algum hespanhol que era cégo!

ROMÃO

Limei-lhe os dentes p'ra encobrir a idade, puz-lhe mél na bocca p'ra fazer bôa escuma e

grozei-lhe os cascos por via da moléstia! *(rindo muito)* Ah, ah! Parecia outra, o raio da cavalgada! Vinte moedas! Oirinho ali, tinindo... E foi pelo San-Bartholomeu, na Charnéca!

DIOGO

Mas elle rosna-se por ahi que você, de vez em quando, tambem é intrujado...

ROMÃO, tomando uma attitude de dignidade

Eu?

MANGERONA

Olá, se rosna!

ROMÃO, furioso, ao Mangerona

Quem te vendeu essa, ó meu choca-lendeas?

DIOGO

Certa impingidela d'uns ciganos, na Agualva...

ROMÃO

Mentira!

DIOGO

Um garrano que você feirou por ter bons brancos, e que afinal era zaino como a mãe que o creou! *(a um gesto revoltado de Romão)* Não negue, homem! Essas coisas sabem se.

ROMÃO, entre dentes, dançando

Raios os partam !

DIOGO, rindo

Os brancos eram todos feitos a cal, pela cigana-
nada !

ROMÃO

Pois sim, mas eram bem feitos ! Ahí é que é !
Calçado do pé de cavalgar e da mão da lança,
e com bôa estrella, quem diabo é que não cáe !
Tambem, foi só d'essa vez que me embaçaram...
Agora, fia mais fino ! Que venha o mais pintado !
(para o Mangerona, que larga uma gargalhada) Ora
dá-me d'ahi uma francisquinha, ó meu cara de
paschoa, e não te mettas cá com as conversas
da gente !

MANGERONA, servindo-lhe a agoardente

Elle inda se rosna de mais vezes que vocemecê
foi intrujado !

ROMÃO, dando um murro na mesa

Bom ! Mando-te dois murros á piolhosa, que
vês as estrellas ! Que entendes tu de cavalgadur-
as, p'ra te prantares ahí a falar commigo ?

DIOGO

Venha um de lépis, Mangerona!

ROMÃO

E tabaco, ouviste? (*para Diogo*) Não sei que diabo ia dizendo... Ah! Se você sabe d'alguem que queira vender algum cavalicoque? Para entrarmos em trato...

DIOGO

Não tenho idéa... Só se...

MANGERONA, que por detraz do Romão faz signaes ao Diogo

Só se fôr o senhor D. João, vocemecê conhece?

ROMÃO

O conde de Marialva?

DIOGO, trocando um olhar de entendimento com o Mangerona

É verdade... Cuido que tem um bom lazão.

MANGERONA, assobiando

Coisa fina!

ROMÃO

Lazão, ou muito bom ou muito ladrão... Mas onde adregarei eu de falar com elle?

DIOGO

Isso agora, o melhor, é na cocheira da rua do Arco...

MANGERONA

Ou então, esperar... (*olhando o relógio*) A estas horas já acabou a toirada, e o senhor conde na volta vem sempre por aqui...

DIOGO, apontando a escadinha da E.

Quando fica em Lisboa é cá em cima que elle dorme...

ROMÃO

Então, já agora, espéro. (*para Diogo, que está fumando*) Venha lume! — Pois não sabia que o Marialva toureava hoje!

DIOGO

Olhe que não perde tempo! Ouve a Sévera cantar e bater o fado, que é certa aqui todas as noites!

ROMÃO

A Sévera! Já ouvi falar!

MANGERONA

Tambem foi a toirada dos fidalgos!

ROMÃO, arregalando o olho

Bôa égoa creadeira, hein?

DIOGO

É a maior fadista cá da Mouraria! Quando canta, parece que a alma da gente vae atraz d'ella... Mas, sangue de cigana, braço pelludo e lume no olho...! Não é quem quer... É quem ella quer! Entende você? Calco polido, lenço encarnado, e aquillo arranha o faduncho que é um resplendor! *(para o Custodia, que os olha por sobre o hombro, inquieto, desde que ouviu o nome da Sevéra)* Não é verdade, ó Custodia?

CUSTODIA, depois d'um instante de silencio

Ora vae-te catar!

DIOGO

Gostas de musica... Foi veso que te ficou das sacristias!

MANGERONA

Nunca lá tocavam o fado no orgão, ó Custodia...?

DIOGO

Se te adiantas muito com a Sevéra, ella toca-te

mas é a pavana! (*O Custodia, sempre desconfiado, guarda o dinheiro e põe-se de pé, para sair*)

ROMÃO, reparando no aleijão do Custodia e rindo ás gargalhadas

Olha... É como os cavallos esparavonados...
Põe o pé de ponta! Ouve lá, quando manquejas
tu mais? Quando sahes da estrebaria ou quando
aqueces?

DIOGO

E aquelles castiças de prata que surripiaste em
Guimarães, ó meu cheira-defunctos?

O CUSTODIA, encaminhando-se para a porta e olhando-os com rancor

Bandalhos! Bandalhos!

TIMPANAS, assomando ao F., de chapéu de pello de coelho, niza azul,
chicote e esporas de latão, como os bolieiros do tempo

Ora benza-os o creador dos melros!

DIOGO

Eh, Timpanas!

ROMÃO

Tu por aqui?

TIMPANAS, descendo, enquanto o Custodia se esgueira

Na ganga da maviosa, pois então! (*ao Mangerona*) Venha essa bagaceira, com mil raios, que se me séccam as guélas! — Bôa toirada, rapazes!

DIOGO

Já acabou?

MANGERONA, servindo a agoardente ao Timpanas

Prompto!

TIMPANAS

Foi só o tempo de trazer de lá, na sége, de batida, um janota de moscóvia e collete côr de pérola, que se chama Garrétas, ou Garrétt, ou que diabo é! Encontrei no caminho o senhor conde, que já vinha de volta, acavallo... Ah, rapazes! Cravou n'um cornante um rojão á tira, que tudo se levantou a gritar: bravo! bravo! Depois, outro de cara, n'um lombardo! Bem mettido, *vive Dios!* Ao cabo, quasi que me fugiu a luz dos olhos...! Só lhe via a casaca de velludo encarnado, picada d'oiro, entre a poeira, e n'uma chapada de sol, ao alto, a cara da Sévéra! Ah, rapazes! Que bella toirada!

DIOGO

Praça cheia, hein?

TIMPANAS

A deitar por fora!

ROMÃO

E a sége?

TIMPANAS

Passei-a ao Manoel *bem-bom*! Pois então!
P'ra poder cá estar, quando chegasse o senhor
conde!

ROMÃO, abraçando-o

Ora o Timpanas!

TIMPANAS

Não tarda ahi, com certeza! Quando eu pas-
sei de batida, na boléa, vinha elle acavallo, mais
o senhor D. José! E, ou foi dos meus olhos, ou
trazia sangue na cara!

DIOGO

Sangue?

TIMPANAS, apurando o ouvido

Espéra! A modo que oiço... São elles, pela
certa!

ROMÃO

Pois sempre falo no lazão ao conde!

MANGERONA, indo á porta do F. e olhando

É o senhor conde! Olha! E vem no lazão!

TIMPANAS

Vem no cégueta, vem! *(entendendo, a um estertegão do Diogo, que lhe diz qualquer coisa ao ouvido, indicando o Romão)* Ah!

ROMÃO, que ouviu e se chega, desconfiado

Quê...?

TIMPANAS, disfarçando n'uma gargalhada e cantarolando

O Manoel cégueta, que toca viola!

MARIALVA, fóra

Eh, Mangerona! Segura aqui os cavallos!

Todos, menos o Romão, sahem para a rua.

VOZES, do Timpanas, do Diogo e do Mangerona,
que rodeiam o conde, lá fóra

Senhor conde! — Parabens! — Senhor conde!
— Senhor D. José!